

## **Homofobia e sexualidade: o medo como estratégia de biopoder**

**Luan Carpes Barros Cassal<sup>1</sup>**

**Pedro Paulo Gastalho de Bicalho<sup>2</sup>**

**Resumo:** No Rio de Janeiro, em 14 de novembro de 2010, um jovem homossexual foi baleado por um militar em serviço, logo após a realização da Parada do Orgulho LGBT. Para analisar a homofobia e seus efeitos como processo de produção controlada de corpos e subjetividades no contemporâneo, foi necessário retornar à emergência do dispositivo da sexualidade a partir do século XVIII, conforme descrito por Michel Foucault, e o surgimento da categoria ‘homossexual’ no século XIX. Uma classificação psiquiátrica que identifica um ‘tipo’, com características próprias transformadas no fundamento de sua existência. As agressões que tomam homossexuais como alvos são punições, nomeadas de homofobia, funcionando na reafirmação das normas, sustentados por discursos que marcam alguns modos de existência como ilegítimos e anormais. Tal qual o militar que disparou contra um homossexual, a eliminação de corpos se dá em nome da vida saudável, em defesa da sociedade. A homofobia produz medo, que mata possibilidades, legitima pedidos por controle e disciplina, move economias, esvazia o espaço público, marca um sujeito como inimigo. Por conta do medo, o corpo-homofóbico, anormal, precisa ser localizado, controlado, destruído, para proteção do indivíduo-homossexual - desde que este seja adequado à diversas normas sociais. A violência torna-se questão individual e naturalizada, enquanto a eliminação sistemática das diferenças prossegue silenciosa. O medo é útil para o funcionamento do dispositivo da sexualidade.

**Palavras-chave:** Homofobia; Biopoder; Violência; Homossexualidade.

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (Bolsista CAPES).

<sup>2</sup> Doutor em Psicologia. Professor do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

No dia 14 de novembro de 2010, após a realização da 15ª Parada do Orgulho LGBT do Rio de Janeiro, um jovem gay foi baleado por um militar em serviço. No mesmo dia, homossexuais foram agredidos na Avenida Paulista, em São Paulo. A homofobia ganha manchetes de jornal: violência dirigida a um grupo específico, vulnerável. Mas por que os homossexuais seriam ‘perigosos’ a ponto de serem sistematicamente eliminados?

Michel Foucault discorre sobre a sexualidade como uma complexa estratégia de poder da vida, que se estabelece hegemonicamente a partir do século XVIII. Este biopoder investe na dimensão individual dos corpos e prazeres e no corpo-população de um determinado território (Foucault, 1988; 1999). Neste regime, as diferenças seriam perigos biológicos para o desenvolvimento do corpo-espécie, produzindo a eliminação desses sujeitos ‘desviantes’.

No século XIX, o comportamento sexual torna-se importante na produção da individualidade, e as práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo ganham estatuto de anormalidade (Foucault, 1994). É uma mudança no regime de visibilidade, pois “o homossexual do século XIX torna-se uma personagem (...) nada do que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade” (Foucault, 1988, p.50). A ‘vontade de saber’ sobre o sexo constrói um território para a homossexualidade emergir enquanto conceito e o homossexual enquanto modo de existir: os saberes científicos passam a descrever estas práticas e, principalmente, estes indivíduos, que seriam diferentes em sua natureza ou essência, sua sexualidade.

Em outras palavras, a psiquiatria cria uma categoria patológica que corresponde à homossexualidade; no entanto, a identificação do homossexual se dava em função de outros critérios para além da prática com pessoas do mesmo sexo. Voz, trejeitos, roupas, lugares de circulação, preferências, diferenças anatômicas... A psiquiatria descreve e delimita em um único corpo homogêneo as múltiplas expressões que se manifestavam (Foucault, 1988; Borrillo, 2010). Conforme apontam Cassal, Garcia, Bicalho (2011), essa delimitação se materializa em identidades que organizam a forma como os sujeitos se relacionam consigo próprios, alimentando o funcionamento do dispositivo da sexualidade.

O poder avança na definição dos modos de existir associados às práticas sexuais entre pessoas do mesmo sexo, produzindo assim processos de subjetivação homogêneos, normatizados. Isso porque o dispositivo da sexualidade não delimita apenas a ‘regra do jogo’, mas avança cada vez mais fundo nas transgressões (Foucault, 1988). Os desvios não só são esperados como necessários, posto que através deles a produção hegemônica de poder avança, se bifurca e opera sutilmente em novos territórios.

O necessário fracasso, a extrema obstinação numa tarefa tão inútil [vigilância da sexualidade infantil] leva a pensar que se deseja que ele persista e prolifere até os limites do visível e do invisível, ao invés de desaparecer para sempre. Graças a esse apoio o poder avança, multiplica suas articulações e seus efeitos, enquanto o seu alvo se amplia, subdivide e ramifica, penetrando no real ao mesmo ritmo que ele (Foucault, 1988, p.50)

O suposto ‘fracasso’ da eliminação dos desviantes é, de fato, um sucesso na manutenção das relações de poder estabelecidas. Mas uma estratégia de biopoder precisa da vida para sua manutenção. Neste sentido, a morte de alguns não é o objetivo

final da homofobia. É necessário acompanhar seus efeitos estratégicos para entender a que estas relações de poder atendem.

De acordo com Baptista (1999), discursos hegemônicos tomam a diferença e a existência fora da norma como negativos, transformando sujeitos em carentes de cuidado e dignos de pena, que podem ainda ser eliminados pela sua condição menos que humana. Diversas práticas discursivas desqualificam determinadas populações e, portanto, são genocidas, pois eliminam modos de existência e potências de vida. Neste sentido, o autor fala dos ‘amoladores de facas’ – atores sociais que, com seus discursos, constroem condições de possibilidade para a eliminação de determinados grupos, pois atuam como ‘enforço’ das normas – exercícios de poderes que tornam possível a emergência e a manutenção de determinada regra enquanto verdade (Foucault, 1999). Atrizes, padres e psicanalistas, dentre outros, falam em nome do amor e da vida sobre como a homossexualidade é uma condição infeliz e, assim, menos humana.

Quando uma psicóloga propõe a ‘cura’ de homossexuais – retorno à heterossexualidade àqueles que assim desejarem (Linhares & D’Almeida, 2009), reafirma-se o lugar de desvio de uma norma. Quais os efeitos deste discurso promovido por uma especialista sobre subjetividade humana na experiência dos sujeitos que se identificam como homossexuais, e no coletivo? Podemos entender que este caso revela mecanismos do dispositivo da sexualidade, de manutenção das relações de poder existentes e de sujeição dos corpos, subjetividades e populações. Ainda mais, marca o entendimento da diferença como resultado de uma falha, corrigível ou não, e isso terá efeitos na forma como os sujeitos produzem a si e aos outros. A psicologia torna-se instrumento de legitimação do medo e da rejeição sobre a homossexualidade.

O que faz desses modos de existências, representados pelas homossexualidades, tão perigosos que precisam ser constantemente repreendidos ou mesmo eliminados? Foucault (1999) discorre sobre a ‘biopolítica’ como uma série de tecnologias de poder para governo e controle da vida das populações: produção e delimitação dos modos de existir. Ainda que paradoxal, o extermínio faz parte deste sistema, assegurado pelo racismo.

O racismo é comumente entendido do ponto de vista do ódio de um sujeito contra um grupo. Porém, Foucault (1999) desloca a lógica do indivíduo para outros processos subjacentes. A biopolítica é embasada por argumentações científicas, de essencialização do biológico. A eliminação dos considerados ‘diferentes’ se dá pelo argumento do fortalecimento biológico da espécie; apenas os mais aptos sobrevivem aos conflitos sociais. Esse processo se dá em relação a etnias, classes econômicas e também grupos identitários, inclusive em função da orientação sexual e performances de gênero. A eliminação, seja dos corpos (assassinatos) ou dos modos de existir (disciplinarização e correção), opera no ‘enforço’ do dispositivo da sexualidade.

O genocídio de corpos, populações e modos de existência homossexuais se repete, de forma sistemática. A violência contra homossexuais ganha as ruas e as pautas da mídia, como prática ou como enfrentamento. A homofobia aparece como grande inimiga dos homossexuais no contemporâneo.

Desde os anos 1980, a violência contra homossexuais tem representado um tema central para o ativismo e, progressivamente, também para governos e para a mídia. A denúncia de agressões e discriminações motivadas pela orientação sexual ou sexualidade

passou a ser marco importante para a trajetória do movimento homossexual brasileiro, que divulgou a expressão 'homofobia' para caracterizar esse tipo de violência (Ramos & Carrara, 2006, p.186).

As situações de violência homofóbica de 14 de novembro de 2010 não foram em lugares quaisquer, mas nas imediações de onde ocorrem as maiores Paradas do Orgulho LGBT do Brasil. São atos que demarcam a utilidade do espaço: durante a parada, o território pode ser subvertido em suas normas, ocupado por 'bichas pintosas', 'sapatões machonas', 'travas' exuberantes e extravagantes, 'pegação' entre combinações inusitadas. Como um diagrama de poder soberano, a população LGBT exhibe e exerce todo seu brilho, como um superpoder que se sobrepõe às regras e normas cotidianamente operantes; dizemos 'nós existimos, e somos muitos'. Entretanto, isso não elimina as outras forças circundantes.

A homofobia potencializou bandeiras pela punição dos agressores, apontada pelo movimento LGBT como uma das mais importantes soluções para esta situação de violência. Porém, colocada desta forma, esta estratégia de enfrentamento opera como um 'enforço' do dispositivo da sexualidade, da produção controlada das nossas formas de existir e nos relacionarmos. Pois a punição se dá sobre um único sujeito, reafirmando o mesmo modo-indivíduo de subjetivação que é hegemônico.

Centrado em uma díade vítima-agressor, retira o caráter de produção coletiva das violências, que não é possível de ser delimitada em normas e regras de condutas: trata-se de um regime de poder hegemônico, onde interessa haver medo e conflito, e isso não é um acaso. Para Cassal e Bicalho (2011, p.85), "A 'homofobia' não se traduz apenas no desconforto individual. Precisamos levar em consideração sua produção coletiva". Foucault (1988, p.114) aponta: "Nas relações de poder, a sexualidade não é o elemento mais rígido, mas um dos dotados da maior instrumentalidade: utilizável no maior número de manobras, e podendo servir de ponto de apoio, de articulação às mais variadas estratégias". A homossexualidade e seus efeitos existem por conta das relações de poder.

A homofobia produz efeitos diretamente relacionados com estratégias do biopoder. A agressão a um indivíduo tenta regular comportamentos (tanto de performances de gênero quanto demonstrações de afeto entre pessoas do mesmo sexo) e serve de exemplo para toda a comunidade homossexual – 'transgrida e corra este risco'. Este elo entre a agressão do outro e a possibilidade de ser o 'próximo' se dá através da identidade sexual; ela se torna, então, uma estratégia de controle dos sujeitos.

Falar de homofobia significa falar de medo; não o medo patológico individual, a que o termo 'fobia' se refere, mas a produção social de insegurança e temor. Para Batista (2003), este processo produtivo se dá através de discursos e práticas cotidianas, justificando e legitimando políticas públicas de repressão e extermínio contra populações determinadas. O medo atravessa a construção das performances de gênero e provoca um esvaziamento de espaços públicos, pois marca os encontros, a circulação na cidade e a existência em alguns territórios como perigosos e inadequados – para determinados sujeitos. Torna-se, assim, um atravessamento muito potente na produção de modos de existir e produz efeitos no mundo. De acordo com Batista (2003, p.86) "Sociedades assombradas produzem políticas históricas de perseguição e aniquilamento. [...] a consciência do exagero dos rumores não diminuiria a intensidade da repressão"

O medo da homofobia se espalha como um dado natural e reafirma as estratégias do biopoder. Pelo medo e para proteção, crianças aprendem nas escolas para não parecerem homossexuais. Adultos procuram consultórios psicológicos por conta de sua homossexualidade. Famílias preocupam-se com o jovem que sai sozinho. E políticas autoritárias de controle social se estabelecem em nome de um ‘bem maior’ (Batista, 2003).

A homofobia opera a partir da suposta idéia de uma ‘natureza’ da espécie humana, da qual a sexualidade é um dos elementos principais. Assim, a homofobia pretende agir na ‘proteção’ da espécie; por outro lado, a criminalização da homofobia também, pois quer ‘proteger’ os sujeitos que se tornam vítimas de violência por sua existência sexual. Queremos dar visibilidade a este ponto em comum das argumentações opostas: ambas partem de uma ‘natureza’ da sexualidade, que deve ser defendida, seja pela eliminação da diferença, seja pela incorporação da homossexualidade enquanto ‘normal’. Talvez tanto a homossexualidade como a homofobia atuem como estratégias de produção e manutenção do dispositivo da sexualidade. Soluções de manutenção do sistema provocam continuidade, e não fissuras.

A psicologia, enquanto saber ‘legítimo’ para explicar o funcionamento da psique humana, pode se debruçar sobre o ‘homofóbico’ para explicar tais e quais características de personalidade fazem dele um agressor. Quem sabe criar escalas que permitam identificá-lo. Conforme descreve Borrillo, há estudos nesta direção, que explicitam uma ‘verdade’ sobre o ‘homofóbico’: “A violência contra os homossexuais é apenas a manifestação do ódio de si mesmo ou, melhor dizendo, da parte homossexual de si que o indivíduo teria vontade de eliminar. A homofobia seria uma disfunção psicológica, resultado de uma projeção inconsciente” (Borrillo, 2010, p.97)

O medo atende às estratégias do biopoder quando reforça as identidades sexuais essencializadas, esvazia o debate público e fortalece um modelo de judicialização da vida e dos conflitos.

Entretanto, todo exercício de poder produz resistências, que podem reorganizar as localizações táticas das relações instituídas: “onde há poder há resistência e, no entanto (ou melhor, por isso mesmo) esta nunca se encontra em posição de exterioridade em relação ao poder. (. . .) Esses pontos de resistência estão presentes em toda a rede de poder” (Foucault, 1988, p.105-106).

Consideramos mais interessante que a psicologia coloque em análise a construção de categorias de esquadramento dos sujeitos baseada em binômios como agressor-vítima ou homossexual-homofóbico, bem como os sistemas de normas, transgressões e punições em torno do sexo. Estranhar as demandas que nos chegam é diferente de rejeitá-las; afirmamos seu caráter político, pois são construídas e contextualizadas histórica e socialmente.

Ao invés de descobrir-nos homossexuais, produzir um modo de vida gay; instauração de novos modos de existência; afirmação da diversidade enquanto potência criativa; subversão dos corpos, dos prazeres, dos desejos, das relações (Foucault, 1984). Entendendo a sexualidade como invenção, podemos produzir-nos em outros sentidos, construindo micropoliticamente espaços onde a diferença possa ser compartilhada como uma potência de vida.

Cassal, L. C. B.; Bicalho, P P G de (2011). Homophobia and sexuality: the fear as a strategy for biopower. *Revista de Psicologia da UNESP* 10(2), 57-64.

**Abstract:** *On November 14, 2010: in Rio de Janeiro, a young homosexual was shot by a soldier on duty after the LGBT Pride Parade. To analyse the homophobia and their effects as a process of controlled production of bodies and subjectivities in the contemporary, it was necessary to return to the emergence of 'sexuality device' from the eighteenth century, as described by Michel Foucault, and the emergence of 'homosexual' in the nineteenth century. A psychiatric classification that identifies a 'type', with their own characteristics transformed on the foundation of its existence. The assaults that take homosexuals as targets are punishments, named homophobia, working in the reaffirmation of norms, supported by discourses that mark some modes of existence as illegitimate and abnormal. Just like the soldier who shot the homosexual, the elimination of bodies takes place in the name of healthy life, in defense of society. The homophobia produces fear, then kills possibilities, legitimate demands for control and discipline, move economies, empty public spaces, marks a subject as an enemy. Because of the fear, the body-homophobic, abnormal, need to be localized, controlled, destroyed for protection of the individual-homosexual - since he is suitable for the diverse social norms. The violence becomes naturalized and individual matter, while the systematic elimination of differences goes silent. The fear is useful for the operation of the 'sexuality device'.*

**Keywords:** *Homophobia, Biopower, Violence, Homosexuality.*

## **Bibliografia**

- Baptista, L. A. (1999). A atriz, o padre e a psicanalista – os amoladores de facas. In: *Cidade dos Sábios*. São Paulo: Summus, p. 45-49.
- Batista, V. M. (2003). *O medo na cidade do Rio de Janeiro: dois tempos de uma história*. Rio de Janeiro: Revan.
- Borrillo, D. (2010). *Homofobia: História e crítica de um preconceito*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Cassal, L. C. B. & Bicalho, P. P. G. (2011). “Não importa ser ou não ser, importa parecer”: pistas sobre violência homofóbica e educação. In: Bortolini, A. (org). *Diversidade Sexual e de Gênero na Escola: Educação, Cultura, Violência e Ética*. Rio de Janeiro: Pró-Reitoria de Extensão/UFRJ, p.78-93.
- Foucault, M. (1984). Sexo, poder e a política de identidade (“Michel Foucault, an Interview: Sex, Power and the Politics of Identity”) In: *The Advocate*, n. 400, 7 de agosto de 1984, p. 26-30, 58. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento, consultado em 23/06/2011, do [www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault).
- Foucault, M. (1988). *História da Sexualidade I: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal.
- \_\_\_\_\_. (1994). Silêncio, Sexo e Verdade. (“Une interview de Michel Foucault par Stephen Riggins”). In: *Dits et écrits*. Paris: Gallimard, pp. 525-538. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento, acessado em 23/06/2011, do [www.filoesco.unb.br/foucault](http://www.filoesco.unb.br/foucault).
- \_\_\_\_\_. (1999). Aula de 17/03/76. In: *Em defesa da sociedade*. São Paulo: Martins Fontes.
- Cassal, L. C. B., Garcia, A. M. & Bicalho, P. P. G. (2011). Psicologia e o dispositivo da sexualidade: biopolítica, identidades e processos de criminalização. *Psico (PUC-RS)*, v.42, n. 4, p 465-473.

Linhares, J. & D'Almeida, E. (2009). Entrevista: Rosângela Alves Justino. *Revista VEJA*, acessado em 20/08/2009, do <http://veja.abril.com.br/120809/homossexuais-podem-mudar-p-015.shtml>.

Ramos, S. & Carrara, S. (2006). A constituição da problemática da violência contra homossexuais: a articulação entre ativismo e academia na elaboração de políticas públicas. *PHYSIS: Revista de Saúde Coletiva*, 16(2), p.185-205.

*Recebido: novembro de 2011.*

*Aprovado: março de 2012.*